



RELATOS

Entre os meses de setembro e dezembro de 2012, os alunos integrantes do Núcleo de Arquitetura e Urbanismo – o NAU¹ – estiveram em campo para desempenhar as atividades vinculadas ao programa Melhorias Habitacionais. Era inaugurado, naquele momento, o Acordo de Cooperação Técnica – ACT – entre o Governo do Distrito Federal e o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília.

A concretização do ACT dependeu de um amplo debate entre representantes da direção do CAU, da UCB e dos órgãos governamentais envolvidos: Secretaria de Habitação, Regularização e Desenvolvimento Urbano – SEDHAB e Companhia de Desenvolvimento Habitacional – CODHAB. Era necessário estabelecer com clareza as obrigações de cada uma das partes, assim como, as formas de viabilizar e garantir o pleno cumprimento dos trabalhos e o melhor aproveitamento possível para todos os envolvidos.

1 O NAU concentra as atividades extensionistas do CAU. Foi idealizado no contexto do Projeto de Extensão do Curso, inscrito no Edital lançado em 2010, pela Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, homologado pelo Presidente do CONSEPE em 30/08/2010 e aprovado em março de 2011.

Depois de um longo caminho, finalmente em 12 de setembro de 2012, o Acordo foi assinado e publicado no Diário Oficial do Distrito Federal. Isto significou uma enorme conquista para o Curso, e vale lembrar que seus termos abrem diversas possibilidades para atividades conjuntas, principalmente aquelas que abrangem a assistência técnica e o desenvolvimento de projetos de arquitetura e urbanismo de interesse público ou social.

O Programa Melhorias Habitacionais² marcou o início da parceria e direcionou o trabalho piloto para as Quadra Norte Residenciais (QNR), em Ceilândia. O programa tinha como objetivo a aplicação de recursos para o resgate das condições de habitabilidade e de salubridade das residências. Ou seja, cabia definir projetos e promover reformas nas moradias para melhorar a qualidade construtiva, a segurança e a saúde dos moradores.

Apesar de muito mal servidas de serviços públicos e equipamentos urbanos, e além de se localizarem em área apartada do centro de Ceilândia, as QNR são quadras regulares, pertencentes a um parcelamento implementado pelo Governo. Não se distinguem pela ocupação informal e desordenada como tantas outras espalhadas pelo Distrito Federal e pelo país. Entretanto, foram classificadas pelo Programa como área de interesse social, uma vez que, várias unidades residenciais, assim como nas áreas informais, denotam

condições bastante precárias de vida e construções muito frágeis. Na maior parte dos casos, a qualidade da edificação deixa a desejar sob vários aspectos: dimensionamento, conforto ambiental, instalações básicas, acabamento, dentre tantos outros.

Em lugares como a QNR predomina a auto-construção, que demonstra a ausência, total e completa, de qualquer tipo de assistência técnica, projetual ou construtiva. Esta é a realidade habitacional de uma parcela muito grande da população brasileira. E foi esta realidade que os alunos do NAU puderam avaliar de perto: as consequências gravadas no espaço físico, quando são inexistentes o projeto arquitetônico, as técnicas construtivas adequadas e o acompanhamento profissional. Além dos conflitos gerados quando este conjunto se soma as carências urbanísticas, sociais e econômicas.

O trabalho abrangeu um conjunto bastante diversificado dos problemas que afetam a moradia auto-construída ou precária. Foram levantadas aproximadamente 190 unidades, pelas equipes formadas pelos alunos do NAU e técnicos do GDF que se revezaram nas visitas de casa em casa.

A atuação in loco se dividiu em dois momentos: o diálogo com as famílias sobre o Programa, as condições e as possibilidades de atendimento; e o levantamento físico da unidade (medições, registro em croqui e em fotografia). Cabia às equipes a definição sobre o enquadramento da re-

2 O Sub-Programa Melhorias Habitacionais possui recursos repassados pelo Programa de Aceleração do Crescimento – PAC ao GDF, para financiamento de ações voltadas à melhorias das condições das habitações, com financiamento promovido pela Caixa Econômica Federal.





FOTO 4- Reunião com Associação Artesãos do DF / 2013



sidência dentre as linhas do Programa: a adequação por meio da reforma para melhorias ou a construção de uma unidade nova.

A sequência ao trabalho foi dada em ateliê, com a transferência dos croquis para o desenho em programa computacional, conforme a metodologia e as normas definidas pelos técnicos do GDF e transmitidas aos alunos através de treinamento.

O material desenvolvido pela equipe do NAU consistiu no conjunto necessário e imprescindível para a continuidade das etapas orçamentárias e de licitação das obras, estas da alçada do GDF. Infelizmente, naquele momento, em virtude de entraves internos ao próprio Governo, não houve a continuidade do Programa.

No ano de 2013, com uma nova equipe de alunos envolvidos, os desdobramentos das ações do ACT se deram em dois caminhos: a atuação em projetos de melhorias de espaços públicos urbanos, novamente com a SEDHAB; e o desenvolvimento de projeto para a execução de Módulo Expositor, destinado à Associação dos Artesãos do DF, através da Secretaria do Trabalho – SETRAB.

Foram desenvolvidos dois estudos para novas praças dos Setores Bancários Norte e Sul (transformação de parte dos estacionamentos para área exclusiva de pedestres). Os alunos protagonizaram o processo de elaboração dos estudos de mobiliário urbano, definição das áreas para quiosques, pavimentações e cal-

çadas, áreas ajardinadas e definição de equipamentos para acessibilidade. A metodologia envolveu a pesquisa de repertório técnico, a proposição de estudos e o desenvolvimento de formas de apresentação, submetidos à orientação do corpo técnico da Secretaria, de forma sistemática.

Também no caso do Módulo Expositor, foram desenvolvidos estudos para o projeto executivo, com ênfase no detalhamento e montagem, com vistas à produção de um protótipo, antes da entrega final. Neste caso, houve o contato direto com a comunidade envolvida, para dar voz às necessidades dos expositores.

Ainda que os trabalhos desenvolvidos não tenham sido colocados em prática naquele momento – aliás, o que ocorreu por motivos que iam além das possibilidades da equipe do NAU –, não resta dúvidas de que estas atuações levam a um conjunto muito rico de vivências. A aproximação dos alunos à comunidades e realidades diversas, por um lado, permite ampliar o debate a partir da observação de diferentes questões e a aplicação direta da aprendizagem acadêmica; e, por outro lado, possibilita retroalimentar este processo de aprendizagem, o que se conquista com a experiência adquirida.

Enfim, é preciso mencionar que, enquanto significou uma grande conquista para o Curso, o Acordo de Cooperação Técnica somente pôde ser concretizado porque contou com um grupo de estudantes, entre bolsistas e voluntários, que abra-

çou com seriedade e comprometimento, a perspectiva de realizar trabalhos significativos e de amplo alcance social. Foram 21 alunos, envolvidos nos três trabalhos, entre dois anos de atividade do NAU, que se dedicaram a ver de perto faces da realidade arquitetônica e urbana brasileiras, ao mesmo tempo em que puderam compreender na prática, a importância da dimensão social formadora da profissão do arquiteto e urbanista.